Tiago Campante, astrónomo

FOTOGRAFIA: MARCO DUARTE

TIAGO TEM DOS MELHORES TRABALHOS. Anda sempre no mundo da Lua e ninguém se aborrece por causa disso. Professor e investigador do Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço e especialista em física estelar e ciência exoplanetária, recebeu este ano uma bolsa Marie Curie no valor de 160 mil euros para estudar a evolução de estrelas e planetas. Mais recentemente, fez parte do projecto que lançou para o espaço o TESS, ou Transiting Exoplanet Survey Satellite, um satélite da NASA que vai observar 90% do céu à procura das estrelas mais brilhantes e de planetas em trânsito, ou seja, planetas que orbitam à volta de uma estrela que não seja o Sol. Mas já lá vamos.

"A minha família começou a incutir-me o gosto pela ciência desde muito cedo. Davam-me literatura adequada à minha idade e plantaram lá a semente, a partir daí desenvolvi o gosto pela Astronomia. Mas não foi imediato", diz o investigador portuense de 37 anos que, antes de se dedicar a esta área, ainda frequentou alguns anos do curso de Engenharia Electrotécnica na Universidade do Porto.

Depois da licenciatura seguiu-se o percurso esperado: um doutoramento feito entre o Porto e a Dinamarca, cinco anos de investigação no Reino Unido, uma passagem pela Alemanha e o regresso à Invicta em 2017.

Mas afinal o que é que tu realmente fazes? "É engraçado perguntares-me isso. Ainda há dias viraram-se para a minha mulher e perguntaram-lhe: 'Mas eles têm reuniões de quê? Ficam sentados a falar sobre estrelas?' Nós analisamos grandes quantidades de dados científicos provenientes de satélites e de telescópios no solo. Ser astrónomo não é aquela visão romântica de estar a espreitar pelo telescópio", ri.

O momento "eureka" na carreira de Tiago aconteceu ainda antes do TESS, que foi lançado em Abril, quando participou numa outra missão da NASA que enviou para o espaço o satélite Kepler. Descobriram um sistema com uma estrela ligeiramente mais pequena que o Sol e cinco planetas em seu redor, menores que a Terra, mas rochosos e com uma idade superior a dez mil milhões de anos.

"Se pensarmos que a idade do Universo é de 13.7000 milhões de anos, esta estrela é quase tão velha como o Universo. Portanto, estes planetas formaram-se há muito tempo, muito tempo antes da Terra, e pertencem a uma primeira geração de planetas. Imaginem, portanto, há quanto tempo não poderá existir vida? E provavelmente num tal estado de evolução que foge completamente à nossa imaginação."

Alguma vez quiseste ser astronauta? Não [risos]. ■